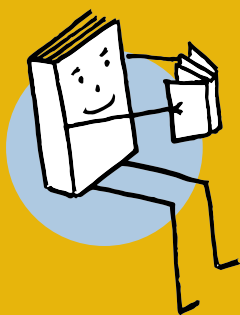


Material digital de apoio à prática do professor



AUTORIA

Érica Dutra
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC

Fimac

Material digital de apoio à prática do professor

AUTORIA

Érica Dutra

Especialista da Comunidade Educativa CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca

Coordenadora da Comunidade Educativa CEDAC

LIVRO

O caso do grande roubo do museu

AUTOR

Milton Célio de Oliveira Filho

ILUSTRADOR

Alexandre Rampazo

CATEGORIA 1

Obras Literárias do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental

TEMA

Diversão e aventura

GÊNERO LITERÁRIO

Conto, crônica, novela

Fimac

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Angela das Neves

Luciane H. Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dutra, Érica

Material digital de apoio à prática do professor : O caso do grande roubo do museu / Érica Dutra ; coordenação de Fátima Fonseca, CEDAC. — 1ª ed. — Belo Horizonte : Fimac, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-89691-11-2

I. Literatura infantojuvenil – Estudo e ensino 2. Material de apoio ao professor I. Título II. Fonseca, Fátima III. CEDAC IV. Oliveira Filho, Milton Célio de. O caso do grande roubo do museu

21-5490

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

FIMAC DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA.

Rua Itaberá, 877

30260-320 – Belo Horizonte – MG

Telefone: (31) 3194-5029

Sumário

Carta ao professor	5
Estrutura do material digital	6
Contextualização	7
Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental	10
Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa	12
Pré-leitura	14
Leitura	15
Pós-leitura	21
Outras propostas de leitura e abordagem da obra	24
Ampliação da comunidade de leitores na escola	24
Literacia familiar	25
Bibliografia comentada	27
Sugestões de leituras complementares	29

Carta ao professor

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários são dotados de características que contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, fornecendo múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive, a partir de uma compreensão de si mesmo e do outro. Os bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e podem levar o leitor a ter variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental essa experiência que toca, atravessa e transforma o leitor, e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. Sua matéria-prima é a linguagem, utilizada pelos autores em toda sua potência, elasticidade e facetas. Quantas vezes uma palavra que conhecemos tão bem tem seu sentido transformado em textos literários, construindo novas imagens e ampliando nossa forma de olhar as coisas? O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em educação, literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em contemplar a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro nos contextos escolar e familiar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para as crianças do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso, ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DIGITAL

Este material serve como apoio para você trabalhar com o livro *O caso do grande roubo do museu*. Desde já, enfatizamos que as propostas aqui apresentadas são apenas sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. O material está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** apresentação de informações importantes sobre a obra, o autor e o ilustrador.
- **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura deste livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora das crianças, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).
- **Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho nos momentos da pré e pós-leitura, e também para a interação verbal durante a leitura dialogada, considerando momentos nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, também ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.
- **Outras propostas de leitura e abordagem da obra:** sugestões para ampliar o trabalho de leitura na escola e explorar a literacia familiar para que as crianças entrem em contato com outros leitores, o que contribui para se tornarem leitores autônomos.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras usadas para elaborar este material digital, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados nesta obra e que contribuem para o trabalho do educador.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Você tem em mãos um livro que, com certeza, vai divertir os estudantes e engajá-los na leitura, porque, ao entrarem no jogo narrativo, eles se sentirão compelidos a desvendar “o caso do grande roubo do museu”. O senhor Urubu é quem organiza e cuida do Museu da Mata, até que um dia ele se depara com um quadro que não faz parte do acervo e, para piorar, está no lugar de outro quadro de alto valor. Para solucionar o mistério ele chama a dona Aranha.



Há todo um suspense em torno de quem roubou o quadro e esse clima é sustentado ao longo da narrativa, marcada por conversas entre a dona Aranha e os inúmeros suspeitos. Todos eles se sentem ultrajados com a acusação e apontam outros possíveis ladrões do quadro. Os leitores podem antecipar quem será o próximo a ser interrogado, observando pequenas ilustrações que mostram um detalhe do corpo do próximo suspeito.

A história estimula a imaginação das crianças para um mundo dentro da mata, com bichos que falam e tentam descobrir o culpado pelo sumiço de um quadro do museu. Como em boas histórias em que há um mistério a ser desvendado, esse conto apresenta bons elementos de uma trama narrativa com características que

resvalam em um enigma que somente um detetive pode resolver, no caso desta obra, a dona Aranha.

Por esses aspectos, a obra se encaixa no tema **Diversão e aventura**. A narrativa breve, o conflito bem marcado (o roubo do quadro) e a trama com poucos personagens são elementos que caracterizam a obra como **conto** em um livro ilustrado. A definição de livro ilustrado, neste caso, refere-se ao tipo de obra que apresenta uma relação de complementaridade entre palavras e imagens, em que se estabelece um diálogo criativo entre essas duas linguagens, a verbal e a não verbal. Para ler esses livros, também conhecidos como livro-álbum ou *picture book*, é fundamental contrapor as ilustrações com o texto escrito e observar como desse diálogo podem emergir múltiplas interpretações.

UM POUCO MAIS SOBRE O AUTOR E O ILUSTRADOR

Saber um pouco mais sobre a vida e a obra de autores e ilustradores de livros permite ampliar conhecimentos literários, pois desenvolve comportamentos leitores, como seguir e adquirir livros de autores ou ilustradores por se identificar com o estilo deles. **Milton Célio de Oliveira Filho** e **Alexandre Rampazo** são autor e ilustrador, respectivamente, de *O caso do grande roubo do museu*.

Milton Célio de Oliveira Filho é formado em direito e em letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Iniciou sua carreira como escritor com o lançamento do livro *O caso das bananas*, em 2003, e de lá para cá, já publicou mais de vinte títulos. Muitos de seus livros receberam o selo “Altamente Recomendável” por indicação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), e o autor já teve obras que integraram o catálogo da Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, em 2007.

Alexandre Rampazo é formado em design pela Faculdade de Belas Artes e, além de ilustrar livros, também os escreve. Para conferir quais são as obras que ele escreveu e obter outras informações sobre seu trabalho como ilustrador, acesse o site pessoal dele: <https://alerampazo.com.br> (acesso em: 19 out. 2021).

Alexandre foi laureado por diversos prêmios, entre eles: Troféu Monteiro Lobato, *Fundación Cuatrogatos* (importante prêmio espanhol para livros infantis e juvenis), além de ter obras selecionadas para o Clube de Leitura Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) e pela FNLIJ. Já foi finalista do prêmio Jabuti por nove vezes e acabou vencendo com três obras. Seus livros também já fizeram parte da lista de melhores livros, publicados pela revista *Crescer* e do catálogo IBBY/*FNLIJ's Selection Bologna Children's Book Fair*.

Para saber mais

O Clube de Leitura ODS da ONU selecionou 175 obras brasileiras como referência para incentivar crianças entre 6 e 12 anos a se envolver com os princípios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Disponível em: **<https://bit.ly/ClubedeLeituraONU>**. Acesso em: 29 out. 2021.

IBBY/FNLIJ's Selection Bologna Children's Book Fair é uma Feira do Livro Infantil e Juvenil realizada em Bolonha, Itália. Reúne editores, agentes literários, bibliotecários, autores e ilustradores de todo o mundo. Nesse evento são anunciados os ganhadores do prêmio Hans Christian Andersen e do prêmio Memorial Astrid Lindgren.

Disponível em: **<https://bit.ly/CatalogosBolonha>**. Acesso em: 29 out. 2021.

POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O caso do grande roubo do museu é uma obra que não subestima a capacidade da criança, pelo contrário, a desafia a entrar no jogo da narrativa e agir como a dona Aranha, uma verdadeira detetive da mata. Como há um mistério a ser desvendado, a curiosidade dos estudantes será aguçada e isso os fará se engajar na leitura até que desvendem o enigma do sumiço do quadro.

O desfecho é irreverente, divertido e gera um movimento: o de virar o livro de ponta-cabeça para apreciar a bela obra de arte que havia sumido. Com certeza, essa ação vai impactar os leitores, pois eles vão se deparar com uma imagem totalmente diferente da que foi vista no início do livro.

Esse jogo de virar e desvirar o livro — estabelecendo uma relação lúdica com a materialidade da obra — para analisar quais aspectos do rosto da donzela correspondem ao rosto do velho pode gerar muitos comentários das crianças. Se possível, considere trabalhar outras imagens de compreensão dupla; converse um pouco sobre ilusão de óptica e investigue obras de artistas que apresentem tal efeito, como as de M. C. Escher (para saber mais, veja o site https://bit.ly/Super_MCEscher, acesso em: 4 nov. 2021).

É possível afirmar que algumas características da obra têm potencial para instigar rodas de conversa apreciativa, tais como: a relação dos bichos com o roubo do quadro, a forma como são acusados por outros bichos e a defesa que cada um faz, em uma linguagem nada óbvia, permeada por metáforas e adivinhas.



Observe que o Rato se defende ao comparar o quadro sumido com algo de seu interesse: “Se fosse uma natureza-morta, um pedaço de queijo num prato, vá lá!”. Por esse motivo ele não teria interesse em roubar o tal quadro. Mas logo indica alguém que poderia ter roubado a obra, convidando o leitor a descobrir quem é: “Mas fique ligada, dona Aranha, em quem chafurda na lama.”, constituindo outro enigma. Pronto, a brincadeira está posta!

Além disso, a participação efetiva dos estudantes em práticas de leitura de livros literários na escola, com a regularidade necessária, contribuirá para desenvolver a competência específica 9 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018, p. 87.)

A competência 9 retrata o caráter artístico da literatura ao mesmo tempo que destaca a experiência como algo que nos humaniza. De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), no decorrer da leitura, é necessário assegurar momentos de **interação verbal**, diálogos sobre o que foi lido para que o leitor possa atribuir sentidos a partir de uma construção coletiva. O contato frequente com a língua que se escreve leva as crianças a desenvolver seu vocabulário à medida que elas refletem sobre os múltiplos sentidos que uma palavra pode ter, dependendo de seu uso. Tudo isso vai ser contemplado na mediação sugerida para o professor e nas propostas de atividades.

Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa

Organizar um tempo na rotina para que a leitura em voz alta feita pelo professor ocorra diariamente é fundamental para o objetivo de formar leitores, pois oferece oportunidades aos estudantes de acessar um patrimônio cultural e usufruir e fruir de experiências com narrativas antigas e contemporâneas escritas por autores diversos, de diferentes gêneros literários, compondo uma infinidade de possibilidades de leitura.

Para além da prática de leitura feita em voz alta pelo professor, outras atividades podem compor a rotina da sala de aula: a leitura autônoma, feita pelos próprios estudantes; as rodas de apreciação com focos diversos a partir da intencionalidade do professor; a leitura feita por um convidado externo; os saraus de textos poéticos; a roda de empréstimo de livros; as sessões simultâneas de leitura etc. Cada uma dessas práticas permite aos estudantes terem uma experiência de leitura distinta, justamente porque esse objeto de conhecimento é multifacetado, ou seja, não existe uma única maneira de aprender a ler.

Costuma-se dizer que um comportamento leitor, típico dos hábitos sociais de leitura literária, é comentar as impressões sobre o que foi lido. Segundo a especialista Delia Lerner, em seu livro *Ler e escrever na escola*, os comportamentos leitores são “**conteúdos** — e não tarefas, como se poderia acreditar — porque são aspectos do que se espera que os alunos aprendam, porque se fazem presentes na sala de aula precisamente para que os alunos se apropriem deles e possam pô-los em ação no futuro” (p. 61). Por essa razão, compartilhar com os colegas da turma as impressões sobre a história, trocar ideias e analisar o ponto de vista do outro permite ao grupo construir sentidos coletivamente, e cada um pode se apoiar nas ideias e nos pensamentos do outro, assim como afirma Teresa Colomer, professora da Universidade Autônoma de Barcelona e pesquisadora em didática da língua:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007. p. 143.)

É preciso formar uma comunidade de leitores na escola, um grupo que se constitui para ler junto, conversar sobre as obras lidas, comentar, validar ou não interpretações possíveis, mas acima de tudo construir coletivamente sentidos para o que foi lido e compartilhado. Para que isso aconteça de modo significativo é essencial planejar. Mas é possível organizar uma conversa sobre uma história sem saber quais são as impressões dos estudantes? O que priorizar em uma conversa? O que deve conter um planejamento de leitura em voz alta feita pelo professor?

Para ajudar a pensar sobre essas questões, Cecilia Bajour, especialista argentina em literatura para crianças e jovens, traz informações valiosas a esse respeito:

A preparação do encontro de leitura implica, em princípio, imaginar modos específicos de adentrar e apresentar os textos, de apurar os ouvidos e o olhar do leitor para uma leitura aguçada e atenta. Por isso, não existe uma fórmula única para penetrar nos textos. [...]

Os modos específicos de entrar nos textos podem partir de algumas chaves que cada livro sugira, ou de algum aspecto que se queira destacar ou no qual se queira intervir para a construção de saberes literários. (BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012, p. 63-64.)

Como destacado por Bajour, os livros apresentam algumas **chaves de leitura**, possibilidades de apreciação que podem ser exploradas durante a conversa sobre a obra. Para isso, a formulação de perguntas abertas que possibilitem o debate são as mais indicadas para um espaço genuíno de **leitura dialogada**.

Assim, espera-se que, considerando o que já foi discutido, os estudantes possam desenvolver as seguintes habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por meio do trabalho com a leitura:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma,

textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

(EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.

(EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.

Vale destacar que o desenvolvimento das habilidades não ocorre a partir de situações didáticas esporádicas, mas requer um contato sistemático com práticas de leitura literária, que ampliem o repertório dos estudantes, além de garantia de acesso ao livro, objeto cultural que talvez só seja acessado por estudantes quando estão na escola.

PRÉ-LEITURA

Considerando a importância das diferentes práticas de leitura na rotina da sala de aula, uma proposta que pode ser realizada com os estudantes antes de ler *O caso do grande roubo do museu* seria uma roda de apreciação com livros do acervo da escola que tenham animais como personagens.

Apresentar a proposta aos estudantes dizendo que participarão de atividades de leitura de livros que incluam animais como personagens. Comentar que estão se preparando para ler *O caso do grande roubo do museu*, um livro de característica semelhante, e por isso vão analisar a presença dos animais em outras narrativas.

Para dar início ao trabalho, você pode escolher uma ou mais possibilidades de encaminhamento: selecionar e mostrar alguns livros que merecem maior atenção por conta de um aspecto literário que gostaria de destacar (autor, técnica de ilustração, gênero literário etc.); formar pequenos grupos de estudantes para explorar o acervo; deixar os estudantes explorarem livremente os livros que mais chamam sua atenção; entre outras possibilidades.

Independentemente do encaminhamento selecionado, o foco na apreciação das obras pode variar bastante. Veja alguns exemplos:

- observar as diferentes técnicas utilizadas por ilustradores nacionais e estrangeiros, para que os estudantes conversem sobre os efeitos que as ilustrações provocaram neles: “**Qual** animal é o mais assustador? É o animal em si ou a forma como ele foi representado que gera tanto arrepio?”, “**Qual** deles você gostaria de ter em casa de tão fofo que foi ilustrado?”, “Tem algum bicho de que gostaria de chegar bem perto?”;
- organizar os livros por coleção e explorar com os estudantes quais características os livros de uma mesma coleção apresentam;
- selecionar contos populares com animais e apreciar as características desses personagens: “**Quais** deles são espertos?”, “**Como** podemos perceber a astúcia deles?”, “Há animais que sempre perdem no final?”.

Qualquer que seja a escolha, é imprescindível assegurar momentos de trocas entre os estudantes e criar expectativa para a leitura da obra, foco deste material digital. Com o livro em mãos, faça uma breve apresentação dele e mostre-o aos estudantes, contando que esse será o livro que vão ler na próxima aula. Tente explorar o título e outros aspectos do livro para engajá-los na proposta.

LEITURA

A **leitura compartilhada** da obra é a modalidade didática sugerida nesse momento, pois os estudantes estarão com os livros em mãos e poderão, a partir da conversa com os colegas, analisar e observar com mais atenção determinadas passagens da narrativa e ilustrações.

Entende-se, portanto, por leitura compartilhada a prática que acontece em colaboração com o outro e supõe a mobilização de determinados procedimentos e habilidades, a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes e das pistas que o texto oferece. A articulação entre esses aspectos corrobora a construção coletiva de sentidos.

Para apresentar a obra, há algumas opções quando o propósito é engajar os estudantes na leitura. Uma delas é explorar a capa e instigá-los a pensar o que o título nos informa e o que nos faz refletir sobre os acontecimentos da narrativa. Somado a essa conversa inicial, observar se as ilustrações podem dar pistas para possíveis antecipações do que irá acontecer. Para incrementar essa conversa, podem ser feitas algumas perguntas:

- Vou ler o título para vocês, **o que** acham que pode acontecer nesta história?
- **Quem** são esses animais ilustrados na capa? Vocês imaginam qual é a relação deles com o caso do grande roubo do museu?
- **O que** vocês acham dos animais da capa? O que a feição e o jeito com que cada animal foi representado sugerem?

Abrir uma roda de conversa para que os estudantes possam trocar ideias em torno das questões é o propósito desse começo de leitura. O objetivo não é chegar a uma resposta correta, mas discutir possibilidades de acontecimentos narrativos. Chamar atenção para os elementos da capa pode oferecer pistas para as antecipações, no entanto, pode ocorrer de alguns estudantes imaginarem cenas que não farão parte do enredo e não há problema nesse sentido. Ao longo dessa conversa inicial, vale ressaltar as características dos animais: “Há um morcego; seria fácil ele fugir com um quadro?”, “A postura do porco, andando com a ponta das patas, indica que ele está fugindo?”, “E o olhar sério do urubu, usando uma bengala, impõe respeito ou o coloca na lista de suspeitos?”, “A raposa é sempre muito dona de si, sua postura altiva revela isso, mas será que justamente essa atitude pode sugerir que ela esconde algo?”. Essas questões podem complementar a discussão nesse momento da leitura.

Além desse aspecto abordado, é recomendado conhecer o autor e o ilustrador do livro, pois assim os estudantes têm a chance de saber mais sobre os profissionais que criaram o livro e terão a oportunidade de relacionar a leitura da obra com outras conhecidas. Estabelecer relações intertextuais é o que se espera de leitores proficientes e, para isso, é necessário construir um repertório de leituras e um espaço para que aconteçam tais relações. Há informações sobre o escritor e o ilustrador no próprio livro e também neste material. O site pessoal de Alexandre Rampazo pode ser explorado com as crianças (as belas ilustrações devem encantá-las). Apenas um cuidado é necessário: o autor comenta que para escrever o livro se inspirou em um caso que aconteceu com o pintor russo Wassily Kandinsky, no qual ele não reconheceu seu próprio trabalho porque o quadro estava de ponta-cabeça. Essa informação poderá antecipar o desfecho da história, que deve se manter em segredo até o momento de sua leitura, justamente para gerar o suspense que a narrativa pede.

Por fim, ainda há outra opção de encaminhamento: a leitura da quarta capa do livro. Nela, há um pouco mais de informações sobre o enredo e termina com uma pergunta, à qual os estudantes podem se sentir impelidos a responder.

Vale destacar que esses encaminhamentos são possibilidades, não se espera que todos sejam realizados para não tardar muito a leitura do livro em si. Uma sugestão seria, em um primeiro momento, explorar a capa e ler a sinopse que se encontra na quarta capa; no final da leitura, depois da conversa com as impressões dos estudantes, ler ou comentar as principais informações sobre os autores.

Ao começar a leitura da obra, a exploração da primeira página dupla é um momento importante, porque ali há a informação do roubo do quadro, a apresentação do senhor Urubu, que notou o sumiço, e da dona Aranha, a detetive do caso. Também é fundamental fazer uma exploração do Museu da Mata com algumas perguntas aos estudantes:

- Vocês tinham imaginado o Museu da Mata assim? **O que** mais chamou sua atenção?
- **Como** ele é? Observe cada detalhe e veja o que tem nele.
- O Urubu afirma que o quadro que está lá não é o que estava antes e que tinha alto valor. **O que** você achou da obra que ficou no museu?

A leitura pode continuar sem grandes interrupções, justamente para não interferir no pacto ficcional que o leitor estabelece ao ouvir ou ler uma história, mas vale esperar alguns instantes antes de virar cada página, pois assim oferecemos a oportunidade de apreciarem as ilustrações. Pode ser que notem que há ilustrações pequenas que dão pistas para descobrir quem é o próximo acusado. Além das características apresentadas no texto, escrito como se fossem adivinhas, há sempre uma parte do animal ilustrada no canto direito da página, próximo ao texto escrito, e isso poderá ser observado pelos estudantes que vão tentar antecipar e dizer aos colegas qual é o próximo suspeito.

No momento da apreciação, ouvir os comentários espontâneos, esses que surgem logo após o término da leitura, pode ser o gancho que você precisa para dar destaque a algo que gostaria de abordar. A ideia não é tornar a conversa exaustiva nem discutir todos os aspectos planejados. O movimento da conversa e o interesse das crianças são boas medidas para pensar o rumo da apreciação.

Algumas passagens da história poderão ser destacadas. No paratexto, intitulado “Conversando sobre a obra”, no fim do livro, há uma proposta de atividade bastante interessante relacionada ao seguinte trecho da página 4: “Dona Aranha, especialista em tramas, foi chamada para investigar o mistério.”.

- A aranha na história é considerada especialista em tramas. **Por que** ela é conhecida assim? E **o que** essa característica ajuda no caso do roubo do quadro?

É interessante discutir com as crianças o duplo sentido da palavra “trama”. Pode-se entender que a aranha é especialista em tramas porque suas teias são verdadeiras tramas. No entanto, “trama” pode também dar ideia de um conflito que precisa ser solucionado, no caso da história, o roubo do quadro. Por trabalhar com múltiplos sentidos da palavra, a obra mostra quão necessário é o trabalho com leitura de textos literários.

Além dessa passagem, há outras que podem provocar boas reflexões: na página 9, a fala do Pavão “Fico fulo com a suspeita. Por que furtaria obra tão mequetrefe?” pode criar diversas oportunidades de trabalho:

- Vocês notaram a forma como o pavão, todo pomposo com sua cauda, comenta a situação? **O que** vocês imaginam que significa “ficar fulo”? E “obra tão mequetrefe”?; **o que** ele quis dizer com essa palavra?

Vale a pena pedir aos estudantes que atentem para a proximidade sonora na sentença “Fico fulo”. Aproveite para destacar que esses recursos linguísticos, como assonância e aliteração, são muito utilizados pelos autores e conferem certo ritmo e musicalidade ao texto. No caso, o recurso utilizado é a aliteração, mas não é necessário explicitar o conceito aos estudantes, e sim chamar atenção para o efeito produzido pelo som. De acordo com a PNA, ao analisar os sentidos dessa expressão, o professor permite que os estudantes avancem em sua **compreensão leitora**, ao mesmo tempo que ampliam o **vocabulário**.



O PAVÃO

— FICO FULO COM A SUSPEITA.
POR QUE FURTARIA OBRA TÃO
MEQUETREFE?
A MIM JÁ BASTA MINHA CAUDA
ABERTA EM LEQUE.
SE EU FOSSE A SENHORA, FICARIA
DE OLHO NUM TRÁTANTE QUE NÃO
TEM AMOR À BELEZA, POIS VIVE
NO ESCURO DA TOCA.

ARANHA: — VOU PROCURAR...

Na página 15, a fala da Raposa: “mas o autor da façanha tem uma tromba de porte capaz de arrebatando a pintura do alto de uma árvore” e, na página 21, a fala da Cobra: “O refinado larápio, minha querida Aranha, tem ventosas nos dedos.”

- A Raposa e a Cobra indicam que outros animais poderiam ter furtado o quadro, repare como elas se referem a eles. Localize as palavras e comente com os colegas o que acharam dessa forma de dizer.

Espera-se que os estudantes possam notar que a Raposa se refere ao possível criminoso como “autor da façanha”, enquanto a Cobra o chama de “refinado larápio”, maneiras distintas para dizer o mesmo. Sugerimos que os instigue a comentar como conseguiram chegar a essa conclusão; inferir o sentido das palavras e expressões é o que se espera desenvolver por meio dessas discussões. Essa é uma habilidade utilizada por leitores proficientes. Dessa forma, desenvolve-se o vocabulário e amplia-se o repertório linguístico dos estudantes. No entanto, se necessário, ajude-os a procurar as palavras no dicionário e, com o significado delas, volte ao texto para que as crianças releiam e compreendam melhor os trechos em questão.

Para além de palavras e expressões, analisar e comentar as ilustrações também fazem parte desse momento de conversa da turma. A primeira página dupla foi abordada de maneira mais rápida durante a leitura e agora pode ser retomada para as crianças se debruçarem um pouco mais, justamente porque podem ver detalhes que não haviam percebido antes. A presença de três personagens na cena, sobretudo depois de conhecer o final, poderá surpreender os leitores. O avestruz aparece na “cena do crime”, mas como não está em destaque passa sem ser notado. A porta que não liga nada a lugar algum também pode chamar atenção das crianças. Será que é a porta da entrada do museu? Mas ela é necessária, visto que eles estão na mata?

A postura dos bichos é outro elemento que pode ser observado e relacionado, inclusive, com as características que eles possuem. Observe alguns exemplos:



A RAPOSA

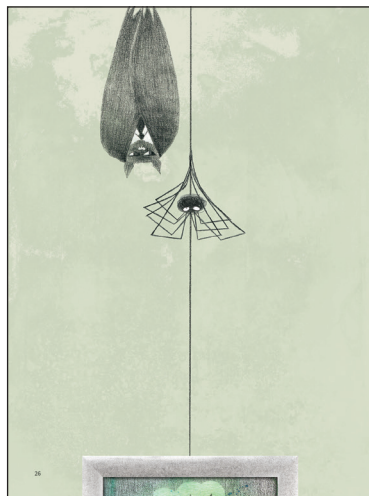
— MINHA FAMA DE ARDILOSA
VEM DAS GALINHAS, QUE,
NATURALMENTE, NÃO ME VEEM
COM BONS OLHOS.
MAS O AUTOR DA FAÇANHA TEM
UMA TROMBA DE PORTE CAPAZ
DE ARREBATAR A PINTURA
DO ALTO DE UMA ÁRVORE.

ARANHA: — AVANTE, PARA OUVIR...

- **O que** a postura da Raposa, na ilustração, revela?
- **Como** as roupas da Raposa ajudam o leitor a ter essa impressão sobre ela?
- Vamos reler o que ela diz para a Aranha. Sua fala confirma ou não sua impressão sobre ela?

Nota-se pelo focinho arrebitado e pela posição dos braços certa arrogância da Raposa, que é acentuada pelo estilo de suas roupas: o casaco, o cachecol e seus sapatos dão um ar de certa elegância. Ela confirma sua fama de ardilosa entre as galinhas e, assim como nas outras situações, ela também se defende e acusa outro suspeito, sem identificá-lo, porém dando pistas para o leitor descobrir.

Por fim, vejamos a ilustração em que a Aranha conversa com o Morcego e que a ajuda a desvendar o mistério:



Nessa página, durante a leitura, você pode optar por deixar os estudantes comentarem o que pensam que vai acontecer antes de prosseguir para o desfecho. O quadro que aparece em parte, a posição em que o Morcego se encontra e o convite à Aranha para ficar na mesma posição contribuem para a conclusão do mistério do roubo. Atrelado a isso, a fala do Morcego, na página 27, colabora para a compreensão: “Minha cara Aranha, pendure-se aqui a meu lado, como se fosse um pingente, para entender a charada.”.

- A qual charada o Morcego se refere?
- O Morcego convida a Aranha a ficar ao seu lado como um pingente. **Qual** é a relação entre a posição do Morcego com o pingente? Já tinham pensado sobre isso?

Aqui, vale pedir aos estudantes que pesquisem o significado da palavra “pingente” no dicionário, pois ele se refere a um pequeno objeto em forma de gota, de pingo. Durante a conversa, deixe os estudantes comentarem suas impressões livremente. Os pensamentos diversos favorecem o diálogo entre as ideias de cada leitor, estabelecendo relações entre as falas dos colegas, destacando aspectos que se aproximam ou se distanciam. Enfim, é importante compartilhar as impressões sobre a leitura do livro. No final, faça mais uma pergunta:

- Vocês indicariam este livro para algum colega que não o conhece? Se sim, **o que** destacariam da obra para convencê-lo a ler?

Destacar algo da obra exige do leitor um alto nível de análise ao mesmo tempo que ele explicita suas preferências: aspectos literários, linguísticos e artísticos que lhe chamam atenção. É um momento crucial porque é possível acompanhar quais elementos da discussão contribuíram para as indicações realizadas. Isso permitirá planejar outros momentos de leitura, selecionando livros mais ajustados às preferências dos estudantes.

PÓS-LEITURA

A leitura de *O caso do grande roubo do museu* pode mobilizar uma conversa sobre a experiência das crianças em visitas a museus: “**Quem** já foi a um museu? **O que** achou? Tem algum museu na nossa cidade?”. Isso pode despertar interesse nos es-

tudantes em saber mais sobre os museus que existem no Brasil e em outros lugares do mundo. Um desdobramento possível seria investigar quais deles estão disponíveis para visita virtual, sabendo que muitos disponibilizam acesso a certos ambientes, obras e até mesmo a todo o espaço do museu. É o que acontece com o museu Casa de Portinari e o La Casa Azul.

O museu Casa de Portinari fica no interior do estado de São Paulo, na cidade de Brodowski, próxima a Ribeirão Preto e Batatais. Com o desenvolvimento tecnológico, os visitantes podem ter a experiência de conhecer os ambientes e as obras do pintor em um tour virtual pelo link: <https://bit.ly/CasadePortinari> (acesso em: 30 out. 2021).

Frida Kahlo foi uma das maiores artistas plásticas do México, nasceu e morreu em uma casa azul no bairro de Coyacán, na Cidade do México. Desde 1958, La Casa Azul funciona como um museu dedicado à vida e obra da pintora e é um dos museus mais visitados da cidade. Para ter uma experiência estética, todos poderão acessar os jardins, as galerias e as obras de Frida, em um tour virtual pelo link: https://bit.ly/LaCasaAzul_FK (acesso em: 30 out. 2021).

Depois de fazer a visita ao museu selecionado ou a ambos, outras ações podem ser desencadeadas para desenvolver habilidades que envolvem oralidade, leitura e escrita, entre elas:

- investigar mais o artista escolhido. Por exemplo: se os estudantes quiserem saber mais sobre Frida Kahlo, será necessária uma pesquisa em materiais informativos ou na internet. Para isso, eles podem fazer um levantamento do que querem saber a respeito da artista (a leitura é orientada a fim de obter respostas). Essa prática oferece oportunidades para desenvolver certas capacidades de leitura, como a de selecionar informações para uma pergunta específica;
- produzir um mural para a comunidade escolar. Os estudantes devem dar depoimentos sobre o impacto que a visita virtual ao museu provocou neles para compartilhar com outros colegas da escola. Nesse caso, o professor pode incentivá-los a expressar o que sentiram e pensaram, além de curiosidades ou informações que queiram compartilhar. Depois da definição do comentário, os estudantes podem escrever por si mesmos ou ditar ao professor — aqui, é importante assegurar as funções de cada um, as crianças ditam e, portanto, elaboram o discurso refletindo sobre a linguagem escrita, e o professor escreve considerando os aspectos da notação, escrita convencional, com parágrafos e pontuação. Um mural no pátio da escola pode ser

o local para fixar os comentários produzidos. Vale ressaltar a importância de haver um texto de abertura que explique aos interlocutores, ou seja, a comunidade escolar, a que se referem tais depoimentos;

- outro desdobramento possível a partir da leitura da obra seria conhecer mais o pintor russo Wassily Kandinsky, uma vez que foi citado pelo autor do livro como fonte de inspiração para a criação da história. Além de buscar mais informações sobre ele, seria interessante selecionar imagens das obras do referido pintor para realizar uma roda de conversa. Em um site de busca, quando se coloca o nome do artista na categoria imagens, aparecem muitas de suas obras. É possível selecionar algumas delas com os estudantes e clicar, ampliando-as, para que vejam detalhes e façam comentários sobre formatos, cores, traços, entre outros elementos, discutindo o estilo do pintor.

Outras propostas de leitura e abordagem da obra

O grupo da sala de aula pode constituir uma comunidade de leitores quando é oferecida a oportunidade de as crianças lerem e apreciarem histórias juntas. Sabemos, no entanto, que é possível ampliar essa comunidade envolvendo outras pessoas, entre elas outros professores, colegas, familiares e moradores do entorno escolar, constituindo a escola como uma comunidade de leitores. Para que isso ocorra, sugerimos pesquisar se na comunidade escolar há pessoas que poderiam contar histórias para as crianças ou se há grupos que organizam algum tipo de evento literário, como saraus ou clubes de leitura. Também seria interessante saber se há bibliotecas públicas e/ou comunitárias próximas à escola. Engajar todos em prol da leitura leva os estudantes a acreditar que ler é uma prática gostosa e importante. Apresentamos a seguir algumas propostas para ampliar as experiências de leitura das crianças.

AMPLIAÇÃO DA COMUNIDADE DE LEITORES NA ESCOLA

LEITURA FEITA POR UM CONVIDADO

Por meio dessa prática, os estudantes podem ter acesso a obras selecionadas a partir de critérios provavelmente diferentes dos adotados pelo professor. Assim, entram em contato com outras formas de ler e de apresentar e abordar a história. Esse convidado pode ser um familiar de alguma das crianças, outro professor, alguém da gestão escolar, a merendeira, qualquer pessoa que goste de contar histórias e que a turma tenha interesse em ouvir. Essa prática pode ocorrer com certa regularidade, criando assim uma agenda de convidados ao longo do bimestre, do semestre ou do ano.

SESSÕES SIMULTÂNEAS DE LEITURA

As Sessões Simultâneas de Leitura (SSL) constituem um projeto idealizado pela argentina Claudia Molinari e hoje são desenvolvidas em muitas escolas brasileiras. Trata-se de uma estratégia de **formação de leitores** que atua em duas frentes: a primeira é a do professor, que seleciona livros criteriosamente e planeja uma boa experiência de leitura para os estudantes; e a segunda é da perspectiva das crianças, que desenvolvem autonomia para escolher o que querem ler, além de compartilhar suas impressões. As SSL seguem estas etapas:

1. Reunir os professores da escola e propor a cada um que selecione um livro para ser lido nas Sessões Simultâneas de Leitura.
2. Com o livro escolhido, cada professor faz o planejamento de sua participação nas SSL, considerando a apresentação para as crianças e a formulação de questões que estimulem o intercâmbio após a leitura. Pode ser interessante o professor explicar por que escolheu a obra, falar uma curiosidade sobre ela e propor questões que chamem a atenção quanto aos aspectos relacionados à forma como o conteúdo foi contado no livro.
3. Com tudo isso pronto, cada professor prepara um cartaz com a capa do livro, uma breve resenha e um espaço para inscrição nas SSL. Não é necessário colocar o nome do professor no cartaz, pois esse não pode ser o critério dos estudantes para selecionar a leitura. Cada professor da escola vai oferecer a leitura de um livro; por isso as Sessões Simultâneas de Leitura são conhecidas como um projeto institucional, pois envolvem todos os docentes e até outros profissionais da escola (caso queiram participar).
4. Todos os cartazes vão compor um mural. Os estudantes são então convidados a conhecer a oferta de livros e escolher de qual leitura gostariam de participar. É necessário que façam a inscrição previamente.
5. No dia marcado para as SSL, as crianças se dirigem à sala de leitura que escolheram. Como o evento é realizado com a escola toda, os grupos são constituídos por crianças de diferentes faixas etárias e de turmas distintas.
6. Depois da leitura, os estudantes retornam a sua sala de aula e têm uma nova oportunidade de conversa. É um momento privilegiado para indicar as obras que conheceram e compartilhar as impressões da leitura com os colegas das outras sessões.

Há muitas variações possíveis para realizar as Sessões Simultâneas de Leitura na escola. Por exemplo, os familiares podem ser convidados para participar da escuta da leitura com seus filhos ou para realizar a leitura de uma obra.

LITERACIA FAMILIAR

EMPRÉSTIMO DE LIVROS PARA LEITURA COM A FAMÍLIA

Há pesquisas que apontam que crianças que têm contato frequente e de qualidade com situações e materiais de leitura, dentro e fora da escola, apresentam maior probabilidade de se tornarem leitores competentes. Incentivar a leitura com a família, orientando-a a manter essas práticas em casa, poderá criar um cenário favorável

e significativo para a leitura de histórias. Para isso, a família precisa de dicas para saber o que fazer quando receber os livros.

As dicas mais gerais são: criar uma rotina de leitura de histórias, que pode acontecer antes de a criança dormir ou em um horário que seja possível tal prática ocorrer; ter um livro em mãos para esse momento é indicado, mas a proposta pode ser variada; por exemplo: a família pode optar por contar uma história conhecida e até mesmo histórias pessoais, histórias familiares.

Para a leitura de *O caso do grande roubo do museu*, oriente a leitura em voz alta feita por um familiar para que a criança possa vivenciar outra experiência com essa obra. Como a leitura já foi feita em sala de aula, podemos incentivar que ela seja a protagonista desse momento, que leia junto ou vá intercalando a leitura com um adulto. É importante também que a família abra espaço para o diálogo sobre a história, que eles comentem o que pensaram e que ouçam as impressões das crianças.

Depois desse momento de leitura, os estudantes podem ser convidados a se colocar no papel do ilustrador do livro, assim como Alexandre Rampazo fez, e desenhar como seria o Museu da Mata de acordo com sua imaginação. Trata-se de um espaço de criação em que as crianças usam a criatividade — elas podem utilizar referências dos museus visitados virtualmente —, além de usar diferentes tipos de material (lápis de cor, canetinha, giz, carvão, guache etc.). Os familiares podem participar desse momento discutindo as várias possibilidades dessa ilustração e, depois, realizam juntos a obra.

Propor aos estudantes a montagem de uma mostra dos desenhos em um dia combinado. No dia, fazer uma roda de conversa para que cada um explique como imaginou e criou o seu Museu da Mata. Em seguida, selecionar um espaço para expor os desenhos. Sugerimos que inclua uma explicação à comunidade escolar sobre a ideia por trás dos trabalhos apresentados.

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento para que seja possível identificar e acompanhar as aprendizagens dos leitores.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 30 out. 2021.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, o documento soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/ Sealf, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/cadernoPNA>. Acesso em: 30 out. 2021.

Documento feito pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora catalã oferece uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura. Na segunda parte do livro, a autora tece considerações sobre aspectos que devem ser levados em conta no planejamento de atividades que envolvam a leitura autônoma, a leitura

compartilhada e a leitura guiada por um leitor mais experiente. Por articular aporte teórico rigoroso e um olhar atento para as práticas escolares, o livro se configura como uma referência importante para profissionais que trabalham com a promoção da leitura.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira da Educação*, n. 19, abr. 2002. Disponível em: https://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 7 nov. 2021.

O autor, pesquisador e professor da Universidade de Barcelona nos faz refletir sobre a sociedade contemporânea e como ela está marcada pela efemeridade das coisas. Ele defende a experiência como uma possibilidade única, subjetiva, irrepetível e algo que nos toca. Ele propõe a reflexão sobre como não deixar que as experiências se tornem eventos raros, sobretudo, nas escolas.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? A pesquisadora argentina explica aos educadores o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita. Lerner também mostra como é importante criar condições para que os estudantes participem ativamente da cultura escrita desde a alfabetização inicial, uma vez que constroem de forma simultânea conhecimentos sobre o sistema de escrita e a linguagem que usamos para escrever.

Sugestões de leituras complementares

Indicamos aqui alguns textos que podem contribuir com o seu trabalho por ampliar os temas e as propostas abordados neste material.

BAROUK, J.; CARVALHO, A. C. *Ler antes de saber ler: Oito mitos escolares sobre a leitura literária*. São Paulo: Panda Books, 2018.

As autoras refletem sobre as condições para a formação de leitores na escola, desde a Educação Infantil até os anos iniciais do Ensino Fundamental, discutindo alguns mitos em torno da leitura literária na escola. Com exemplos da prática escolar e de situações de formação de educadores, elas propõem um debate sobre a escolha de livros de qualidade, as diferenças entre ler e contar histórias, a importância da conversa para a formação de leitores, entre outros aspectos.

BRITTO, Luiz P. L. *Ao revés do avesso: Leitura e formação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

Neste livro, composto de oito ensaios, o pesquisador questiona diversos aspectos do senso comum relativos à formação de leitores e ao ensino da literatura nas escolas. Vinculados à realidade brasileira, os ensaios nos convidam a repensar as práticas e as concepções idealizadas sobre leitores e leitura. O breve “Leitores de quê? Leitores para quê” destaca-se ao questionar o que é “ser leitor” e ao nos fazer pensar em quem gostaríamos de formar.

COLOMER, Teresa. *Siete llaves para valorar las historias infantiles*. Madri: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.

Grande pesquisadora da literatura e fundadora do Gretel, grupo espanhol de pesquisa sobre literatura e mediação literária, Colomer apresenta sete chaves que permitem analisar as histórias infantis, tratando de elementos fundamentais como apreciação de palavras e imagens ou mesmo a ampliação do mundo próprio do leitor.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Partindo de sua experiência como professor, com um estilo irônico e poético que o tornou fenômeno editorial na França, Pennac investiga o mundo da leitura, esse desconhecido para um número expressivo de possíveis leitores. Um ensaio que mostra que o elo se perde quando o livro deixa de ser “vivo” e passa a ser uma mera ficha de leitura, obrigatória para o bom cumprimento do programa escolar.